

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

ANA LUÍSA AMARAL

CINDERELA CONTEMPORÂNEA:
efeitos de representatividade no gênero fanfic.



ARARAQUARA – S.P

2022

ANA LUÍSA AMARAL

CINDERELA CONTEMPORÂNEA:
efeitos de representatividade no gênero fanfic.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Juliana Santini.

ARARAQUARA – S.P

2022

Amaral, Ana Luísa

A485c

Cinderela contemporânea: efeitos de representatividade no gênero fanfic / Ana Luísa Amaral. --Araraquara, 2022

41 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Letras) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Juliana Santini

1. Fanfic. 2. Cinema e literatura. 3. Adaptação
cinematográfica. 4. Contos de fadas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANA LUÍSA AMARAL

CINDERELA CONTEMPORÂNEA:

efeitos de representatividade no gênero fanfic.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Juliana Santini.

Data da defesa/entrega: 15/02/2022.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Juliana Santini.

Membro Titular: Profa. Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig.

Membro Titular: Prof. Me. Flávio Vilela Komatsu.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara.

Este trabalho é dedicado à minha família,
que me apoiou durante toda a graduação.

RESUMO

Tendo como inspiração a franquia de filmes *A Nova Cinderela*, a fanfic estudada no presente trabalho intitula-se *Um Diferente Conto Da Nova Cinderela*. Sua autoria corresponde a MttAlvarengah e, conforme o mesmo ressalta, a obra baseia-se principalmente no terceiro filme da série, denominado *A Nova Cinderela: Era Uma Vez Uma Canção* (2011). Optou-se por essa fanfic em razão do fato desta ser pautada na vivência do autor, um homem negro e gay, que utiliza seu local de fala para alcançar públicos que se identifiquem com a narrativa. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é demonstrar que a franquia de filmes se alimenta do conto de fadas, promovendo a modernização de Cinderela, ao passo que a fanfic presentifica essa versão e a incorpora de acordo com sua própria realidade. Visa-se, também, analisar de que maneira ocorre a modernização da personagem Cinderela, além de compreender o modo como o fã autor ressignifica o modelo característico da figura de Cinderela, rompendo com os padrões estereotipados de gênero, cor e orientação sexual.

Palavras-chave: fanfic; Cinderela; Um Diferente Conto Da Nova Cinderela; A Nova Cinderela: Era Uma Vez Uma Canção; fã; autor; representatividade.

RESUMÉ

Inspirée dans la franchise cinématographique *A Nova Cinderela*, la fanfic étudiée dans cet ouvrage s'intitule *Um Diferente Conto Da Nova Cinderela*. Sa autor correspond à MttAlvarengah et comme il le souligne, l'oeuvre est principalement basée sur le troisième film de la série, intitulé *A Nova Cinderela: Era Uma Vez Uma Canção* (2011). Se opté pour cette fanfic, car elle est basée sur l'expérience de l'auteur, un homme noir et homosexuel, qui utilise son lieu de parole pour toucher un public qui s'identifie à la narration. Par conséquent, l'objectif de ce travail est de démontrer que la franchise cinématographique se nourrit du conte de fées, favorisant la modernisation de Cendrillon, tandis que la fanfic rend cette version présentée et l'intègre selon sa propre réalité. L'objectif est également d'analyser comment s'opère la modernisation du personnage de Cendrillon, en plus de comprendre la manière dont l'auteur donne un nouveau sens au modèle caractéristique de la figure de Cendrillon, rompant avec les schémas stéréotypés de genre, de couleur et de sexualité orientation.

Mots-clés: fanfic; Cendrillon; Um Diferente Conto Da Nova Cinderela; A Nova Cinderela: Era Uma Vez Uma Canção; ventilateur; auteur; représentativité.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. A FICÇÃO DE FÃ COMO NARRATIVA MODERNA.....	10
1.1 DIÁLOGO COM OS CONTOS DE FADA: ATUALIZAÇÃO DA NARRATIVA ORAL	17
1.2 ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS: RELAÇÃO ENTRE CINEMA E LITERATURA, COM BASE NA FRANQUIA DE FILMES <i>A NOVA CINDERELA</i>	20
2. A FANFIC E A CULTURA MUDIÁTICA ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO ATIVA DO LEITOR	23
2.1 A LINHA TÊNUE ENTRE PLÁGIO E AUTORIA	25
2.2 A FANFIC COMO INSTRUMENTO DE LUTA E AS DIFERENTES FORMAS DE REPRESENTATIVIDADE	29
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	35
ANEXO- Entrevista com MttAlvarengah	37

INTRODUÇÃO

A fanfiction ou fanfic, traduzida como “ficção de fã” em português, é uma narrativa escrita por e para fãs, com intuito de ressignificar materiais já existentes, como livros, filmes, jogos e programas televisivos. Nesse contexto de apropriação, que mescla elementos da cultura popular com a letrada, os fãs autores penetram nas interfaces da indústria midiática e apoderam-se de universos e personagens, modificando-os de acordo com suas necessidades, ou partindo deles para construir suas próprias narrativas.

Observa-se que a escrita de fanfic ainda é rechaçada, entre outros motivos, por estar ligada ao consumo da cultura de massa. Apesar disso, o gênero contribui na formação de escritores, e tem levado muitos amadores a publicarem suas obras. Através da prática, o fã-autor consegue, ao mesmo tempo, demonstrar sua admiração e emanar efeitos de representatividade por meio de sua identidade autoral. Dessa maneira, este estudo busca comprovar o fato de que a fanfic relaciona-se tanto com o passado quanto com o futuro, ressignificando e reelaborando narrativas, ao passo que enfatiza a figura do fã, do leitor e do autor, em nossa sociedade.

Diante disso, a organização do trabalho ilustra um percurso investigativo que contempla desde o surgimento do gênero fanfic, perpassando por sua relação com o cinema e a literatura, objetivando entender a participação do fã no processo de reconfiguração do cânone. O primeiro capítulo introduz as discussões sobre a fanfic, o fandom e sua expansão no contexto contemporâneo. No subcapítulo um ponto um, é feito um breve levantamento sobre os contos de fadas, demonstrando que há uma atualização da narrativa oral para a escrita. Destacam-se os contos de Cinderela escritos por Perrault e irmãos Grimm, que serão alvo de comparação. Já o subcapítulo um ponto dois versa sobre as adaptações cinematográficas, expondo um panorama acerca da relação entre cinema e literatura, baseando-se na franquia de filmes *A Nova Cinderela*, enquanto realiza um contraste entre a Cinderela moderna e a medieval.

O capítulo dois aborda a participação ativa do leitor no universo da cultura midiática, enfatizando o papel do fã em transformar o objeto de admiração em produto da sua vivência particular. O subcapítulo dois ponto um trata do modo como os fãs enxergam os limites do plágio, visto que na cultura fã é comum que ocorram reciclagens de um original. Por fim, o dois

ponto dois discorre sobre a fanfic como ferramenta de representatividade, um artifício utilizado pelo autor de *Um Diferente Conto Da Nova Cinderela*.

Para a elaboração do estudo, foi realizada uma entrevista com o autor da fanfic. O primeiro contato ocorreu por meio de uma rede social e, após MttAlvarengah aceitar o convite, as perguntas foram enviadas e respondidas via e-mail. Através das informações coletadas, intenciona-se compreender o contexto no qual o autor está inserido, abrindo espaço para que relate suas experiências como membro da comunidade fã, escritor e leitor.

A narrativa está disponível no Wattpad, uma plataforma online de leitura, escrita e compartilhamento de histórias, contando com vinte e sete capítulos, inclusos a introdução e nota final do autor. De acordo com algumas informações expostas pelo site, as visualizações dos capítulos e os votos são depositados pelos usuários com o intuito de demonstrar que gostaram da história. Atualmente, quatro mil e novecentos fanfiqueiros realizaram a leitura da história, enquanto quinhentos e sessenta e nove a marcaram como favorita. MttAlvarengah começou a utilizar o Wattpad em dezessete de fevereiro de dois mil e dezessete, não havendo dados sobre a data inicial em que a narrativa foi postada, mas sabe-se que a última atualização ocorreu em janeiro de 2020. Na entrevista concedida, o autor comenta que optou pelo Wattpad em razão da influência da plataforma e cita que escolheu escrever o gênero fanfic pela flexibilidade de adaptação e mudança da realidade:

Wattpad se tornou um dos maiores canais de fanfics do mundo. Eu já havia lido muitas por lá e até histórias inéditas, então quando veio a ideia de mostrar um pouco da minha escrita para o público, sabia que seria o lugar perfeito para publicar e deu certo. Apesar de não ter milhões de leitores, tenho muitos que curtiram minha história e entraram em contato comigo algumas vezes para me elogiar. Defino as fanfics como uma homenagem a uma história ou um artista que você gosta ou ama. Eu optei pelo gênero porque queria mudar a realidade de histórias que conhecemos e amamos (ALVARENGAH, 2021).

Ressalta-se, também, que Alvarengah possui direitos reservados sobre a obra, o que implica que nenhum outro usuário da plataforma pode fazer uso da mesma sem dar os devidos créditos ao autor, bem como as ferramentas de copiar e colar são bloqueadas, visando obter uma proteção maior contra possíveis plágios. No mundo da fanfic, é comum que alguns usuários realizem a cópia de histórias e as postem em outras plataformas, omitindo o nome do autor original e substituindo pelo seu. Dessa forma, o Wattpad disponibiliza essa ferramenta, visando diminuir a possibilidade de plágio.

A fanfic conta a história de Caio, um jovem negro, gay e órfão que passa a viver com a madrasta após a morte do pai. Esta cria uma série de obstáculos para impedir que o garoto realize o sonho de tornar-se cantor, obrigando-o a dublar a voz da meia-irmã para que ela vença o show de talentos da escola, cujo prêmio é o contrato com uma gravadora. Nota-se que o enredo da fanfic é uma condensação do filme, com algumas distinções. Na obra cinematográfica, a personagem principal é feminina e se chama Katie, ao passo que a fanfic possui um protagonista masculino, Caio. O cenário romântico se delinea da mesma forma, visto que os protagonistas e as meias-irmãs demonstram interesse pelo mesmo personagem, Joaquim na fanfic, e Luke no filme.

Entende-se, portanto, que o ponto que une ambas obras é a figura de Cinderela, que sofre constantes atualizações. O gênero fanfic atua então como uma ponte, por meio da qual o autor conecta as diferentes formas de narrar o conto de Cinderela e remaneja o objeto de admiração sob uma perspectiva particular.

1. A FICÇÃO DE FÃ COMO NARRATIVA MODERNA.

É certo que os fãs rejeitam a ideia imposta pela indústria midiática, de que há apenas uma versão do produto comercializado, procurando preencher as lacunas deixadas pelo autor original, trazendo suas próprias experiências e construindo uma identidade cultural, por meio de empréstimos da cultura de massa. Partindo disso, na obra *Invasores do texto: fãs e cultura participativa*, Henry Jenkins (2015) compara a atividade fã a uma invasão textual, visto que os fãs invadem textos alheios, descarregando sua adoração, frustração e o desejo de materializar-se no universo ficcional admirado, lutando por um local de fala que é controlado pelas grandes produtoras.

No entanto, a leitura e escrita de fanfic ainda são definidas como atividades fúteis, em razão de uma supervalorização das leituras canônicas. Dessa forma, a noção de bom gosto contribui para o menosprezo da prática, dado que os fãs costumam expressar seu apreço pelas obras canônicas e não canônicas do mesmo modo, alterando as relações entre a leitura erudita e popular. Para tanto, o bom gosto é utilizado como parâmetro para engendrar os vínculos estabelecidos entre o leitor e o texto literário, ou seja, uma obra avaliada como intelectualmente inferior, propagará interpretações do mesmo nível. Como cita Jenkins (2015, p. 36), as

estratégias de leitura adotadas para análise de obras canônicas, são rechaçadas quando direcionadas às fanfics.

Prática de leitura (análise minuciosa, exegese profunda, releitura repetitiva e prolongada, etc.), aceitos quando se é defrontado com uma obra de “devido mérito”, parecem perversamente mal empregados quando aplicados a textos mais “descartáveis” da cultura massiva.

Contanto, observa-se que a produção e consumo de fanfic são vistos sob um olhar estigmatizado por manter laços estreitos com a cultura de massa. Outro ponto que contribui para o perpetuamento dessa visão é a estereotipação da figura do fã na sociedade, pois muitos admiradores são ridicularizados, erotizados, ou julgados como pessoas incultas, ociosas, incapazes de distinguir a ficção da realidade e de interpretar criticamente. Assim, a atividade fã simboliza a resistência de uma cultura, que se opõe aos valores pregados por uma elite intelectual dominante. Com o intuito de propagar suas vozes, os fãs constroem suas próprias comunidades, os fandoms, e é a partir desse espaço de união e interação daqueles que se interessam pelos mesmos produtos que essas histórias são escritas, lidas e compartilhadas.

O advento da internet foi um grande responsável por difundir a leitura e escrita de fanfic, entretanto, apesar da atividade ter se intensificado na modernidade, a reescrita de textos sempre se fez presente em nossa história. Segundo Jamison (2017, p. 42 e 43), em por volta de 1600, Shakespeare criou uma fanfic para *Ur - Hamlet*, ao escrever sua versão da peça, e no ano de 1614, o pseudônimo Alonso Fernández de Avellaneda escreveu a continuação de *Dom Quixote*, publicando-a como a sequência real da obra. Tal fato fez com que Miguel de Cervantes tivesse que redigir sua própria sequência para comprovar que a criação primária lhe pertencia

Linda Hutcheon (1985, p. 51 e 52) cita que *Dom Quixote* foi constituído pela junção do romance de cavalaria com o realismo cotidiano e, apesar de ser uma obra paródica, Cervantes criou uma autonomia em relação ao texto de fundo. Mas, por outro lado, observa-se que a sequência escrita por Avellaneda não conseguiu o mesmo feito, pois apenas dá continuidade a algo que já existe. De acordo com a autora (1985, p. 22), “[...] temos de alargar o conceito de paródia para ajustar às necessidades da arte do nosso século - uma arte que implica um outro conceito, algo diferente, de apropriação cultural”. Nota-se que, muito antes da denominação de “fanfic” existir, a paródia já atuava como uma espécie de construção de um segundo sentido da obra, promovendo um diálogo crítico entre o objeto parodiado e o texto final, de modo que a modernidade abre espaço para a apropriação cultural. Consequentemente, no processo de apropriação, o cânone se transforma e viabiliza dois tipos de reformulação narrativa: a obra que

se desvincula do objeto original e cria sentido próprio, e a que permanece fiel ao mesmo, mas reproduz suas próprias interpretações a partir dele.

Portanto, o ato de recriar e reinterpretar narrativas não muda ao longo dos séculos, o que ocorre é uma modernização e atualização da forma de narrar e interpretar essas histórias. Todavia, isso só acontece por intermédio da figura do leitor, pois é ele que imprime sentido ao que é lido. Antes de tornar-se um autor de fanfic, o fã é um leitor. A partir do letramento, que não limita a leitura apenas à palavra, o indivíduo aprende a utilizar suas habilidades linguísticas na compreensão e produção de textos literários, sem deixar de lado sua própria visão de mundo.

Os textos não geram nada - a não ser que sejam apreendidos e interpretados. Por exemplo, sem a existência implícita de um leitor, os textos escritos não passam da acumulação de marcas pretas em páginas brancas. A arte moderna, em especial a metaficção, tem estado muito consciente deste facto básico da actualização estética (HUTCHEON, 1985, p. 35).

Tendo isso em vista, Jenkins (2015, p. 169-182) realiza um levantamento sobre o modo como a comunidade fã retrabalha os textos originais, baseando-se em aspectos como a apropriação, interpretação e reescrita do material fonte. Dessa forma, o autor postula dez maneiras de reinterpretação de seriados televisivos, que podem ser encontradas nos diversos tipos de fanfic.

Tabela 1 – Dez modos de reinterpretação.

<p>1- Recontextualização: escrita de cenas que preenchem as lacunas deixadas pelo original, podendo explicar ou justificar a conduta de determinado personagem. Podem surgir em debates, nos quais os leitores procuram explicações sobre as atitudes de um personagem;</p>
<p>2- Dilatamento da Linha Temporal: escritas de fatos que precedem o início do seriado e utilização das pistas deixadas pelo autor, acerca de um personagem que não foi explorado, para criação de histórias sobre a evolução do mesmo;</p>
<p>3- Refocalização: centralização da história em um personagem secundário da narrativa original do qual não foram reveladas muitas informações, como mulheres e minorias com pouco tempo de tela, por exemplo.</p>

<p>4- Realinhamento Moral: inversão ou questionamento do universo moral da história original. Os fãs podem transformar os vilões em protagonistas de sua história, bem como narrar os fatos sob a perspectiva do vilão.</p>
<p>5- Variação de Gênero: utilização de modelos variados de gênero na construção das histórias, como aventura, fantasia, drama, entre outros.</p>
<p>6- Crossovers: junção de dois universos distintos em uma única narrativa. É comum em textos de grande sucesso comercial, ocorrendo quando o autor aprecia duas obras e decide juntá-las. Um alter ego do autor pode fazer parte da história;</p>
<p>7- Deslocamento de um Personagem: personagens principais são removidos do contexto original e inseridos em outro universo. Também pode ser denominado de “universo alternativo”;</p>
<p>8- Personalização: separação entre a ficção original e as experiências sociais do autor, que se insere como um personagem da história, a fim de participar do universo admirado;</p>
<p>9- Reforço Emocional: ênfase em sentimentos angustiantes, que permitem aos fãs expressar-se emocionalmente em relação aos personagens, como a criação de um final feliz para cenas de desespero;</p>
<p>10- Erotização: exploração erótica dos personagens.</p>

Fonte: Jenkins (2015).

A união de fãs que possuem o mesmo objeto de admiração constitui um fandom, termo utilizado para se referir ao agrupamento de fãs com gostos em comum. O fandom, torna-se, então uma alternativa de compartilhamento de interpretações do cânone, com pessoas que já estão interessadas em consumir tais narrativas, representando uma audiência sedenta pelo abastecimento de materiais relacionados ao universo apreciado. Diferentemente do que acontece na relação entre produtor e consumidor, nas comunidades de fãs não há hierarquia, e todos podem participar livremente, contribuindo com suas habilidades.

Partindo disso, Jamison (2017, p. 52) define que o fandom literário de *Sherlock Holmes* foi o primeiro a atuar formalmente, originando diversas adaptações da obra de Arthur Conan Doyle, e demonstrando um claro exemplo de apropriação do cânone para transformação

do mesmo em material da cultura de massa. Posteriormente, surgiram os fãs de Jornada nas Estrelas, que inauguraram o fandom midiático, e foram cruciais para consolidar a atividade fã na modernidade. Procurando preencher os espaços em branco deixados pelos produtores da série televisiva, os fãs escreviam suas próprias continuações dos episódios, criando finais alternativos, modificando as ações dos personagens, ou até realizando alterações profundas no andamento da trama. Dessa forma, os admiradores de Holmes exploraram novos tipos de romance, além de inovarem no modo de narrar suas histórias, enfocando as diversas formas de sexualidade. Os espectadores de Jornadas nas Estrelas foram os responsáveis por alavancar o gênero de ficção científica no fandom, trazendo para suas tramas os relacionamentos amorosos, românticos ou sexuais.

Com o passar do tempo, os fãs começaram a organizar suas publicações em revistas independentes, os zines, que foram fundamentais para a divulgação e compartilhamento da cultura fã. Segundo Lima (2019, p.41), a prática teve seu marco inicial na década de 1930, devido a efervescência causada pelos fandoms de ficção científica. Contudo, é notório que a confecção de zines foi amplamente popularizada pelos fãs do seriado Jornada nas Estrelas, o qual estreou na televisão em 1966. Para Jenkins (2015, p. 164) a relevância desse fandom se dá pelo fato de que foi um dos responsáveis por definir padrões para a publicação de zines televisivos, tomando como base os formatos encontrados no fandom de ficção científica literária.

Dessa maneira, os admiradores poderiam publicar suas histórias em um zine, recebê-lo com a publicação, e trocar exemplares entre si. Todos obtinham espaço para consagrar-se na comunidade, seja como criadores de zines, escritores ou colaboradores, suscitando o sentimento de participação coletiva. O relacionamento entre os fãs pode ser estreitado nas convenções, locais nos quais os zines são vendidos e onde os leitores interagem com os escritores e editores do material, dando-lhes feedbacks sobre o trabalho (JENKINS, 2015, p. 166).

Entende-se que a interatividade entre leitor e autor é o que motiva muitos autores de fanfics a continuarem escrevendo suas tramas, pois a partir disso poderão receber críticas e utilizá-las para melhorar seu desempenho. Logo, os escritores do fandom escrevem para leitores que já anseiam ler suas histórias, admiram o mesmo universo e personagens, o que facilita a recepção das narrativas, instaurando uma relação recíproca, visto que os escritores necessitam de leitores e vice-versa. Esses fãs estabeleceram uma dinâmica baseada na troca, que sustenta

as relações na comunidade fã e não visa o lucro como ocorre na indústria midiática, mas sim um crescimento mútuo do grupo.

O contexto contemporâneo, ao propiciar que os fandoms se reúnam virtualmente, facilitou o encontro de fãs de diversas partes do mundo, algo que não ocorria nas convenções. Observa-se que alguns dos textos admirados na rede online, foram consumidos primeiramente fora dos espaços virtuais. Assim, há uma recriação das obras, que são transferidas do universo offline para o online, podendo também originar fanfics escritas com base em outras fanfics (VARGAS, 2015, p.75).

Obras como *Harry Potter* (1997) e *Crepúsculo* (2005) possibilitaram que a atividade dos fandoms migrasse dos zines para a internet, revolucionando os modelos de participação dos fãs na indústria midiática, uma vez que se tratavam fandoms gigantescos de jovens tecnologicamente habilidosos, aventurando-se na web e buscando disseminar suas opiniões a respeito dos cânones. Segundo Jenkins (2008, p. 243) “a fanfiction de *Harry Potter* produz inúmeras narrativas sobre o poder da juventude, com personagens lutando contra as injustiças que seus jovens escritores enfrentam todos os dias na escola”. O fandom de *Crepúsculo*, em contrapartida, foi responsável por comercializar a fanfic, de modo que autoras como E.L James, de *50 tons de Cinza*, iniciaram suas jornadas no fandom e foram publicadas por grandes editoras. Tal questão ainda é problematizada nas comunidades fãs, pois muitos acreditam que a cultura produzida não deve ser comercializada, porque criaria hierarquias e acabaria com a dinâmica de troca do fandom. De qualquer forma, a fanfic não só é produto da cultura midiática, mas também é exportadora dessa mesma cultura, que modifica-se para atingir novos patamares.

Por conseguinte, os fãs trabalharam arduamente na construção de sites que hospedassem suas histórias, criando bibliotecas virtuais gratuitas, como o *Archive of Our Own* e o *FanFiction.net*. Diante das publicações de grandes autores do fandom, como citado anteriormente, algumas empresas têm buscado lucrar com a fanfic, como o *Wattpad*, que diferentemente das outras plataformas, comercializa as histórias. O site possui a opção “premium”, na qual o autor passará por uma avaliação da empresa e, se aprovado, poderá cobrar um valor pela história, ao passo que o fã compra moedas que serão utilizadas para desbloquear a leitura.

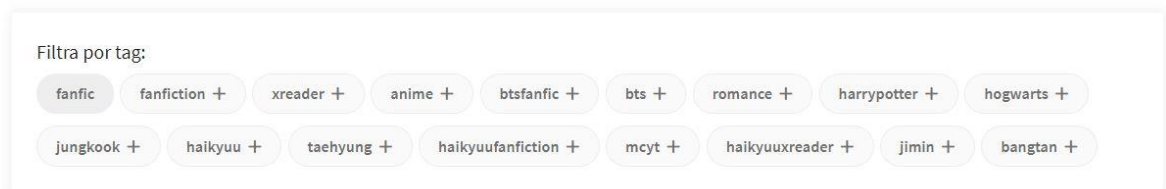
Nesses domínios, as narrativas são separadas por categorias, ou de acordo com os fandoms aos quais pertencem, o que facilita a procura por leituras específicas. Também há a

possibilidade de que o leitor digite na barra de pesquisa as fanfics de qual fandom se deseje ler. No *Archive of Our Own*, os usuários podem encontrar as fanfics através das categorias listadas. Dentro dessas categorias, existem outras subcategorias. Quando o leitor escolher a aba “Movies”, por exemplo, será direcionado para outra página, na qual aparecerão diversos filmes, e ao clicar em um filme específico, o fã poderá optar pelas histórias que derivam do mesmo. O FanFiction.net conta com a mesma dinâmica, no entanto, destaca-se a aba “Crossovers”, em que se encontram as fanfics que unem dois universos em uma mesma narrativa.

No Wattpad, destaca-se que a busca pelas histórias populares na plataforma ocorre por meio do filtro de tags, que é atualizado constantemente, de acordo com as que são mais acessadas. As tags são palavras ou termos curtos criados pelos autores para descrever sua narrativa em poucos caracteres. Se o fã clicar em “fanfiction”, “harry potter” e “romance”, por exemplo, a ferramenta buscará pelas narrativas românticas de Harry Potter, hospedadas no site.

Figura 1 - Tags do Wattpad.

Fanfic histórias



Fonte: Wattpad (2020).

Os fãs também definiram gêneros para suas histórias como forma de conectar suas respectivas realidades ao universo admirado. Para tanto, as narrativas podem conter vários capítulos ou configurarem uma “one shot”, um gênero em que toda trama acontece apenas em um único capítulo.

Eles se referem ao material original como “canon”, denominam de “fanon” as criações que complementam o canon, e pode acontecer dessa criação ser bem tão bem recebida no fandom, que outros fãs autores passam a adotá-la em suas narrativas. Ressalta-se que essas denominações são utilizadas por alguns autores, como Bronwen Thomas, e os próprios membros do fandom.

Nem sempre as fanfics abordam personagens fictícios e a prova disso é a Real Person Fic, ou RPF, as narrativas em que os personagens são pessoas reais, como celebridades. Nesse gênero, as celebridades atuam como o canon, sob o qual é criado o fanon, baseado em informações midiáticas, que são coletadas pelos fãs.

Um modo de se auto inserir no cenário original se dá através do gênero Mary Sue, no qual o fã autor materializa-se na história como um dos personagens. Geralmente, a personagem Mary Sue possui muitas qualidades e poderes, está sempre correta e atrai o olhar de todos para si, o que pode torná-la extremamente idealizada. Alguns fãs abominam esse tipo de história, enquanto há outros que apreciam o gênero.

Tendo em vista que a fanfic também é espaço de luta e resistência, o gênero Slash quebra padrões ao apresentar relacionamentos amorosos entre dois homens. Um dos gêneros que atua lado a lado com o Slash é o Mpreg, no qual homens engravidam, assim como as mulheres. Destaca-se, também, a existência do FemSlash, o Slash entre mulheres, entretanto, o gênero não recebe tanta atenção quanto o primeiro.

Outros gêneros comuns são a Song Fic e o Fluffy. A Song Fic está diretamente ligada à cultura de massa, visto que, nesse gênero, a narrativa incorpora trechos da letra de determinada música, ou é baseado na letra. Por fim, o Fluffy é característico dos textos mais românticos, e resulta sempre em histórias com finais felizes.

1.1 DIÁLOGO COM OS CONTOS DE FADA: ATUALIZAÇÃO DA NARRATIVA ORAL.

Os contos de fadas surgiram como narrativas populares que eram contadas em reuniões, nas pequenas vilas e aldeias. De acordo com Christofolletti (2011, p. 16 e 17), os contos medievais retratavam a realidade do que era vivido, sem censurar episódios como o incesto, o abandono paterno em razão da miséria, a antropofagia de alguns povos, entre outros. Para tanto, ao serem reescritos, os contos passaram por um processo de suavização de determinadas características para que pudessem ser apresentados às crianças, contribuindo para a formação do imaginário infantil.

Em 1697, o francês Charles Perrault publica a obra *Os contos da mãe gansa*, sob o nome de seu filho, afirmando que o mesmo os teria composto e dedicado à filha do irmão de

Luís XVI. Os oito contos que constituem o livro possuem um caráter moralizador e remetem às histórias populares, inspiradas na tradição oral. Os irmãos Grimm, assim como Perrault, também se basearam nas narrativas populares, buscando sistematizar os relatos folclóricos do povo alemão. Contudo, o que os diferencia é o fato de que os contos dos Grimm apresentam uma atmosfera mais aterrorizante, quando comparados às versões romantizadas e moralizadoras do escritor francês.

Perrault escrevia suas histórias para serem contadas na corte francesa, o que o levava a refinar alguns detalhes. Segundo Garcia (2015, p. 24), pessoas influentes se atraíam pelos contos do autor, que eram narrados nos salões de Versalhes, com destaque para o público feminino, que era o maior apreciador do gênero. Já os Grimm, buscavam registrar a autenticidade da língua alemã e para isso se atentaram às diversas versões dos contos, tendo primeiramente o objetivo de ser utilizado como material para estudiosos. Para tanto, entende-se que possuíam ambições diferentes de Perrault, visto que o francês tentava divertir e conscientizar seus leitores.

Dessa forma, fica claro que há uma atualização da narrativa oral popular, ou seja, uma mudança da oralidade para a escrita, pois ocorre uma documentação das tradições populares, por meio da escrita dos contos. Partindo disso, Bettelheim (2002, p. 252) cita que a história de *Cinderela*, ou *Gata Borralheira*, é antiga e foi registrada na China, no século nove D.C. O autor comenta que “viver entre as cinzas” era um mote comum, que alude a um símbolo de rebaixamento perante os irmãos, independente do sexo. O conto de fadas delineia, então, uma rivalidade fraterna, expondo as relações conflituosas entre Cinderela e suas irmãs, algo que poderia ser comum em algumas famílias da época.

Nenhum outro conto relata tão bem como “Borralheira” as experiências internas da criança pequena nos espasmos da rivalidade fraterna, quando ela se sente desesperadamente marginalizada pelos irmãos e irmãs. Borralheira é humilhada e rebaixada pelas irmãs adotivas; a madrasta sacrifica os interesses de Borralheira em favor dos das irmãs; deve executar os trabalhos mais sujos e mesmo fazendo-os bem, não é aceita por eles; só lhe fazem mais exigências. É como se sente a criança quando é devastada pelas desgraças da rivalidade fraterna (BETTELHEIM, 2002, p. 253).

Apesar de existirem diversas versões do conto, o trabalho em questão se centralizará nos escritos de Perrault e dos Grimm. Partindo disso, observa-se que em *Cinderela* ou *O sapatinho de vidro* (CHRISTOFOLETTI, 2011, p. 65), Perrault exhibe uma Cinderela passiva, obediente e resignada, dado que o conto possui um caráter moralizante, com o objetivo de

demonstrar como as mulheres da época deveriam se comportar para terem seu final feliz, o casamento. A posição passiva da personagem faz com que ela obedeça às ordens da fada madrinha, a qual caracteriza o elemento mágico da história, sem realizar questionamentos. Para reforçar a pureza de Cinderela, a protagonista perdoa as irmãs e a madrasta de todo mal que lhe fizeram e as leva para morar consigo no palácio.

No conto de Perrault, a aparência é um fator fundamental, pois para ser reconhecida pelo príncipe no momento de experimentar o sapato, Cinderela passa por uma transformação, e a fada madrinha reaparece para substituir as roupas surradas da personagem por belíssimos trajes. O sapatinho de cristal simboliza um objeto de valor que permite uma ascensão social, é através dele que Cinderela consegue provar que era a moça procurada pelo príncipe e, conseqüentemente, passará a viver com ele.

Já em *A Gata Borralheira* (CHRISTOFOLETTI, 2011, p.71), a protagonista dos Grimm possui um caráter parecido com a de Perrault, mas demonstra revolta pela morte da mãe. O pai de Cinderela está presente durante todo o conto, porém, não interfere no comportamento das antagonistas, ao passo que na versão do escritor francês não é mencionado sobre o paradeiro do genitor. Destaca-se o fato de que Borralheira demonstra sua intenção de ir ao baile e chega a pedir permissão à madrasta, que promete que irá deixá-la ir, caso cumprisse algumas tarefas. A protagonista recebe ajuda dos animais para separar as lentilhas sobre as cinzas do fogão, mas a madrasta não lhe concede permissão, alegando que ela a envergonharia por não ter roupas e não saber dançar. Desolada, Borralheira vai até o túmulo da mãe e implora por um vestido, que é concedido por um pássaro branco. Assim sendo, é a árvore sob o túmulo da mãe e o pássaro que atuam como os elementos mágicos, traçando uma relação entre Cinderela e a mãe natureza, reiterando a presença da figura materna.

Nessa versão, o vestido é feito de ouro e prata, e o sapato, de seda e prata. Com intuito de impedir que Cinderela fosse embora, o príncipe cobre a escadaria do palácio com cera de sapateiro, o que fez com que o sapatinho da amada ficasse preso e, desse modo, ele consegue procurá-la pela vizinhança. Na hora de experimentar o sapato, as irmãs se auto mutilam, na tentativa de que ele lhe servisse, de forma que o príncipe leva a primeira irmã, acreditando ser a moça que procurava, mas volta ao ser alertado pelos pássaros e perceber o rastro de sangue que escorria do pé da falsa princesa. O mesmo processo ocorre com a outra irmã, então, ao voltar à casa, o príncipe pergunta ao pai se não há outra filha. Borralheira experimenta o sapato

e ele a reconhece mesmo estando maltrapilha, o que denota uma valorização dos sentimentos em detrimento da aparência.

Ao fim do conto, as malfeitoras tentam adular Borracheira e têm seus olhos perfurados por pombos. A cegueira eterna é a punição sofrida pelas irmãs, por suas maldades cometidas contra a protagonista. Na versão de Perrault, entretanto, Cinderela perdoa as antagonistas, que não são penalizadas por suas ações.

Dessa forma, ao comparar as duas versões, observa-se que o conto de Cinderela é fomentado pela trajetória da mulher sofredora, que é recompensada com o casamento. Destaca-se também a figura da mãe como formadora de caráter, visto que é salientado em vários momentos que Cinderela herdou diversas qualidades de sua mãe, ao passo que as irmãs adotivas são tão más quanto a madrasta.

Os contos de fadas atribuem alto valor às aparências, e a beleza de Cinderela, bem como seu magnífico traje, a distinguem como a mais linda do reino. Através de trabalho árduo e boa aparência, Cinderela ascende na escada social do sucesso. Se, em suas versões mais antigas, a história não captura a dinâmica da corte e do romance no mundo de hoje, ela permanece uma fonte de fascinação em sua documentação de fantasias acerca do amor e do casamento num tempo passado (TATAR, 2004, p.38).

Portanto, entende-se que o conto de fadas foi modificado por autores distintos, havendo uma transformação nos valores centrais da obra. Assim, nas versões atuais ocorre uma reconstrução da estrutura original do conto, trazendo novas formas de abordar os personagens e os contextos nos quais estão inseridos.

1.2 ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS: RELAÇÃO ENTRE CINEMA E LITERATURA, COM BASE NA FRANQUIA DE FILMES A NOVA CINDERELA.

Nota-se que a franquia de filmes aqui tomada como corpus, foi responsável por adaptar o conto de fadas clássico de Cinderela para o cinema, propondo uma substituição dos elementos idealizadores presentes no conto pela realidade e um exemplo disso é o fato de que a fada madrinha é representada por pessoas comuns, como a amiga da protagonista.

Entende-se que as adaptações fazem parte de nossa cultura, pois são muitos os textos literários que foram adaptados para o cinema. Como discute Sousa (2001, p. 16 e 17), “trata-se do texto fílmico e do texto literário, domínios estético- expressivos de natureza e perfil

semiológicos distintos, mas que têm manifestado, desde os primórdios da sétima arte, uma fértil ligação, interseccionando criativamente formas e conteúdos”, isto é, o texto original e a adaptação estão ligados intrinsecamente, pois o leitor que conhece o primeiro atua como investigador ao procurar semelhanças e diferenças entre as duas obras.

Desse modo, os textos de base passam por um processo constante de resignificação, através do qual são imbuídos de novas perspectivas históricas, culturais, sociais e pessoais, caracterizando um outro modo de narrar histórias. Cria-se, portanto, uma atualização do material base, de acordo com as intenções que o adaptador deseja propagar, as quais Linda Hutcheon (2011, p. 28) define como um desejo de consumo ou apagamento da lembrança do original, e até mesmo a prestação de homenagens.

Conforme pontuam Carelli, Bueno e Cunha (2014, p. 9 e 10), no livro *TEXTO E TELA: Ensaios sobre literatura e cinema*, as relações entre cinema e literatura vão muito além da procura por obras consagradas e modelos de narrativa, visto que há uma exploração de novas superfícies nos filmes, livros e objetos midiáticos. Assim, entende-se que a franquia de filmes *A Nova Cinderela* modernizou o conto de Cinderela, modificando alguns aspectos da narrativa original, que carregavam o caráter fantasioso, oriundo dos contos de fadas.

O terceiro filme da franquia, no qual o autor se inspirou para escrever a fanfic, é intitulado *A Nova Cinderela: Era Uma Vez Uma Canção*, e foi lançado em 2011 pela Warner Premiere. A atriz, cantora e compositora estadunidense Lucy Hale interpreta o papel de Katie, a Cinderela moderna. O grande impasse do filme é o fato de que Katie sonha em ser uma grande cantora e, visando ser reconhecida, ela coloca uma fita de gravação musical na pasta de um grande produtor do ramo, e pai de Luke, que virá a ser o par romântico da personagem. Gail, a madrasta, leva o empresário a acreditar que era sua filha Bev que estava cantando na fita e, conseqüentemente obriga Katie a emprestar sua voz para a meia irmã, que a dublará. A antagonista diz que não deixará que Katie vá para a faculdade, caso a garota não colabore com a farsa, e ao desconfiar que esta planejava ir ao baile de máscaras do colégio, a profbe de sair para cuidar do irmão mais novo. Gail é diretora do colégio em que a enteada e a filha estudam, ao passo que Katie recebe ajuda de sua amiga Angela e vai ao baile escondida. Ela encontra Luke e canta para ele, aproveitando da fantasia para não mostrar o rosto, enquanto Angela tenta distrair a madrasta com uma competição de dança.

Luke se encanta pela voz de Katie, mas ela sai correndo antes que ele possa perguntar seu nome, temendo ser descoberta por Gail. Ele parte, então, à procura da garota misteriosa e, a única coisa que possui para encontrá-la é a lembrança de sua voz. Quando Katie chega em casa, a madrasta a confronta por ter saído sem permissão e impõe que ela seja a voz de Bev no show de talentos da escola, caso contrário, expulsaria Angela da instituição. Katie e Bev começam a ensaiar sob a supervisão de Gail e, em um desses ensaios, Luke vê Bev dublando a voz da irmã, e pensa que ela é a garota misteriosa que estava procurando. Os personagens começam um breve relacionamento, o que deixa Katie desolada, pois nutria sentimentos pelo garoto.

No decorrer do filme, Luke e Katie começam a se aproximar e, no dia do show de talentos, ele desvenda a mentira ao encontrar Katie escondida nos bastidores, cantando enquanto Bev estava no palco. O garoto passa a filmar Katie com uma câmera, transmitindo em um telão, e todos os presentes no evento veem que não era Bev que estava cantando. Ao fim do filme, o casal se entende e Katie se apresenta, conseguindo um contrato com a gravadora do pai de Luke.

Partindo disso, observa-se que a primeira ressignificação do original exposta no filme é o fato de que não há um elemento mágico, pois quando Luke procura pela garota misteriosa, ele busca encontrá-la através da voz e não de um objeto material, como ocorre no conto de fadas. No filme, é a amiga da personagem que cumpre o papel de fada madrinha, ajudando-a a ir ao baile e entretendo a madrasta para que não desconfie. Nesse ponto, perde-se a magia dos trajes cedidos pela fada madrinha ou pelo pássaro branco, em detrimento de uma valorização da realidade, visto que Angela leva as roupas do baile para Kate, sem mencionar como as conseguiu.

A Cinderela moderna tem voz, amigos e sonhos, a medieval, em contrapartida, vive em um ambiente patriarcal, em que sua única perspectiva de mudança de vida é o casamento. Portanto, observa-se que os espaços em que Katie se encontra são a casa da família e a escola, e por mais que a protagonista tenha que realizar tarefas domésticas, ainda há uma preocupação com os estudos, o que não ocorria com a Cinderela de Perrault e dos Grimm. Destaca-se, também, o fato de que o romance faz parte da trama, mas não é o elemento principal, já que o maior sonho de Katie é ser cantora, enquanto nas obras de base, nota-se que Cinderela não demonstra nenhum objetivo profissional ou pessoal.

2. A FANFIC E A CULTURA MIDIÁTICA ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO ATIVA DO LEITOR.

O autor da fanfic *Um Diferente Conto Da Nova Cinderela* reitera, nas notas finais da história, que sempre gostou de romances “mamão com açúcar”, romances clichês da indústria cinematográfica que apresentam roteiros semelhantes, e questionou o fato de que não haviam filmes desse modelo interpretados por casais gays. Dessa forma, entende-se que escrever sobre elementos da cultura midiática é um dos pilares que sustenta a prática e o consumo de fanfic. Na maioria das vezes, esses produtos despertam grande interesse ao se popularizarem em um determinado grupo de fãs, que não se contentam apenas em apreciá-lo, mas buscam inserir-se dentro daquele meio retratado, fundindo-o com suas experiências pessoais.

Para tanto, as mídias sociais e cinematográficas foram responsáveis por modificar o modo como o fandom interage com a cultura, estimulando os fãs a consumirem cada vez mais, o que resulta em uma participação ativa do consumidor, e não mais uma relação passiva entre produtor e destinatário. Como cita Jenkins (2015, p. 68), “a atividade do leitor não é mais vista simplesmente como tarefa de recuperar os significados do autor, mas também de remanejar materiais emprestados para encaixá-los no contexto de experiência vivida”, o que caracteriza a fanfic analisada.

O autor refuta a teoria de Certeau, de que o leitor teria que se distanciar do texto para compreendê-lo, argumentando que o fã mergulha profundamente na narrativa, internalizando-a, mas apesar disso, mantém um senso crítico atento, para modificar tudo aquilo que não lhe convém, algo que define como “distanciamento crítico irônico”. É nesse momento que o fã autor reflete sobre a obra e a confronta com suas percepções de mundo, selecionando aquilo que pode ou não ser aproveitado do original.

Jenkins também alega que a releitura altera as possibilidades da narrativa e permite ao leitor trazê-la para seu controle, sendo central ao prazer estético do fã. O fandom incentiva e facilita a releitura dos textos estimados, compartilhando-os com outros fãs, que podem recriá-los de diversas formas e, conforme cita o autor, “essa experiência de releitura deve ser entendida como um aspecto central da recepção tanto de programas de TV quanto de filmes contemporâneos” (JENKINS, 2015, p. 83).

Ao projetar tais discussões para o objeto analisado, observa-se que MttAlvarengah está consumindo uma releitura do conto de fadas de Cinderela, popularizada pela indústria

cinematográfica, que busca atingir um nicho específico de público, jovens e adolescentes que, na infância, tiveram contato com os contos ou versões animadas de Cinderela, e agora encontram uma nova contextualização do enredo com a qual podem se identificar.

Em entrevista concedida à autora deste trabalho, Alvarengah cita que a ideia de escrever a fanfic surgiu após ver o terceiro filme da franquia sendo reproduzido na televisão, e ele achou que seria interessante substituir a figura da Cinderela moderna por um garoto negro gay, seu personagem Caio. Consta-se, portanto, a participação ativa do fã autor, que criou sua própria narrativa com base no material fonte, a franquia de filmes. O autor da fanfic também comenta que sentia necessidade de ver pessoas como ele sendo representadas em comédias românticas, e que esse foi o fator fundamental para estimulá-lo a escrever a história.

Uma vez, a minha professora de Escrita Criativa disse: Se há uma história que deseja ler e ela não existe, escreva você mesmo. **Queria ler uma história com um menino gay, negro e afeminado, assim como eu. Gosto de romances e nunca havia lido ou visto uma história parecida com alguém parecido comigo.** No começo, eu até estava certo de mudar apenas o gênero da personagem de *A Nova Cinderela*, mas depois tive a ideia de mudar muito mais do que o gênero e acabei transformando não só a personagem como todos os outros que conviviam com ela (ALVARENGAH, 2021, grifos meus).

É notório que o surgimento de plataformas digitais, como o Wattpad, foi responsável por impulsionar o papel participativo do fã na contemporaneidade, popularizando até mesmo a reescrita de fanfic que são consideradas como “cânonas” para determinados fandoms. De acordo com Jenkins, Sam Ford e Joshua Green (2015, p. 212), na obra *Cultura da Conexão*, um texto midiático se torna um material alvo de discussões nas comunidades fãs, configurando uma relação entre a cultura popular e o discurso cívico, algo que pode viabilizar mudanças sociais que se iniciam no fandom e são espalhadas por toda a sociedade.

Alude-se, então, que o leitor passa a preferir obras com caráter representativo e que imprimam traços de realidade, de forma que as indústrias se sintam pressionadas a realizar modificações, visando englobar diferentes tipos de público em suas produções. Quando a expectativa dos fãs é quebrada e não há a representatividade esperada, eles criam suas próprias obras, inserindo-se nelas sem deixar de lado o universo original do qual se apropriam.

2.1 A LINHA TÊNUE ENTRE PLÁGIO E AUTORIA.

A internet propiciou novas formas de comunicação e compartilhamento das habilidades artísticas dos fãs. Na contemporaneidade, a troca entre fãs é impulsionada pelo meio virtual, o que ao mesmo tempo os aproxima, mas também cria dificuldades quanto ao controle do material original, já que, na internet, é mais difícil fiscalizar como os textos estão sendo manipulados, em razão da grande quantidade de perfis anônimos ou com identidades alteradas.

Surgem discussões sobre a relação entre plágio e autoria, tendo em vista que no fandom é comum se apropriar de universos, personagens e cenas, como suporte para criação de novas histórias. Todavia, até que ponto é aceitável utilizar obras que pertencem à indústria midiática? Esse questionamento ainda está aberto a muitas respostas, pois assim como a sociedade em geral, a cultura fã têm se renovado com o passar dos anos. Comercializar e lucrar com a escrita de fanfic tornam-se mais viáveis na era digital, seja por meio de plataformas que reembolsam alguns autores pela atividade, como o Wattpad, ou através da popularização de algumas histórias na internet que atraem a atenção do mercado editorial.

Dessa forma, observa-se que a escrita, leitura e compartilhamento de fanfic na internet têm bagunçado as noções de autoria devido ao constante empréstimo da cultura de massa realizado pelos fãs. As empresas buscam impor cada vez mais um controle que se dissolve no constante movimento de reescrita de textos por diversos autores, caracterizando um processo de reciclagem do original, que é ressignificado e se transforma em objeto de novas vozes. Conforme citam Klucinskas e Moser (2007, p. 29), há termos recentes que designam procedimentos de reciclagem, como revival, remake, sampling e copyart, além das denominações antigas como pastiche, paródia, plágio, reescritura, recriação, reconversão. Os autores argumentam que é forçoso associar a produção cultural contemporânea a tais procedimentos de reciclagem, no entanto, é evidente que grande parte das obras que se popularizam tendem a ser recicladas, principalmente no âmbito da cultura fã. Para ambos, as transformações artísticas e culturais propõem que o artista trabalhe gradativamente com materiais disponíveis e marcados culturalmente.

No contexto contemporâneo, isso não soa mais como uma desvalorização da obra ou perda de originalidade, mas sim como uma inovação daquilo que já existe, atribuindo-se um caráter criativo à figura do autor. A partir dessa ótica, conclui-se que tanto o fandom quanto a

mídia reprisam os mesmos arquétipos, pois contam com um público consumidor concreto para essas produções.

[...] o artista trabalha cada vez mais explicitamente com materiais já disponíveis e marcados. Não há mais o que esconder. Sua integração na criação artística, sua “exibição” ou tematização não têm mais efeito desvalorativo como outrora, quando se podia desacreditar um autor, afirmando que ele havia composto sua obra de peças desunidas, fragmentos transportados, restos díspares vindos de outros lugares, não sendo de sua própria invenção nem feitura. Seu estatuto de autor era ligado, justamente, à sua capacidade de tirar de si mesmo sua obra, de lhe imprimir suas propriedades - fazendo valer seus títulos de propriedade sobre ela - e de produzir mais-valia atribuída à novidade do ato criador (KLUCINSKAS; MOSER, 2017, p. 34).

Observa-se que os primeiros movimentos para reconhecimento da figura do autor ocorreram com o Estatuto de Anne, em 1710, que data a fundação do primeiro documento em relação aos direitos autorais. Conforme citam Alves e Pontes (200, p. 9872), foi no contexto inglês que surgiram os primeiros debates sobre legislação autoral. Assim, o Estatuto da Rainha Ana data o primeiro documento de proteção ao autor, sendo responsável por limitar o tempo de proteção de uma obra, eliminar a censura e o controle prévio, permitindo a qualquer um o direito de atuar como editor ou impressor, e tornando o copyright como direito do autor, e não do editor. Salienta-se que, antes do decreto, o editor poderia fazer uso do copyright para assegurar o investimento realizado e permitir censura prévia a toda informação divulgada.

Segundo os autores, o estatuto também viabilizou duas teorias acerca da justificção do direito autoral: a teoria utilitarista e a teoria do direito natural. A teoria utilitarista corresponde ao fato de que os autores podem explorar comercialmente suas obras por um período, de maneira exclusiva, o que cria um incentivo à produção intelectual e à remuneração do trabalho do autor. Em contrapartida, a teoria do direito natural prega que o autor possui um direito de propriedade em relação a sua obra, tendo em vista que esta é inerente a sua criação, e fruto de seu trabalho.

Se, por um lado, o argumento do direito natural dos autores servia aos interesses comerciais daqueles que pretendiam manter seus direitos exclusivos de exploração, por outro, os argumentos utilitaristas serviam aos interesses dos novos editores das províncias, que defendiam o fim dos monopólios, o livre mercado editorial e o respeito ao curto prazo de gozo do copyright, como estipulado pelo Estatuto da Rainha Ana (ALVES; PONTES, 2009, p. 9873).

De acordo com Chartier (1998, p. 41 e 42), na Inglaterra, os contrários à perpetuação do copyright argumentavam que as obras literárias deveriam ser consideradas como invenções

mecânicas, visto que ambas são dispostas a toda a população, devendo, portanto, serem submetidas às mesmas diretrizes. As discussões sobre os direitos autorais também se fizeram presentes na França e Alemanha, suscitando então uma nova visão sobre arte literária, e na metade do século XVII surgem as concepções de que para que houvesse a profissionalização da atividade literária, o autor deveria ser remunerado o suficiente para sobreviver da escrita, ao passo que o ato de criação torna-se livre. A obra passa a ser entendida por sua forma e pelo modo como o autor a exprime, isto é, o livro se desprende da concepção de invenção mecânica ao adquirir caráter próprio.

A efetivação das leis de direitos autorais, entretanto, ocorreu somente com os decretos revolucionários de 1793 e 1791, na França, sendo responsáveis por consolidar as noções de propriedade literária, artística e científica. Em contrapartida, no contexto do fandom, as leis perdem um pouco de sua força, já que o material que ali circula não é monopolizado, mas o que impera são as regras criadas pelos próprios membros da comunidade. Dessa forma, é comum que um fã se sinta inspirado ao ler uma fanfic escrita por outro fã, e decida utilizá-la como base para sua própria criação. Tendo em vista que a dinâmica social da comunidade gira em torno da apropriação e ressignificação de materiais da cultura de massa, é natural que isso também ocorra entre seus membros.

Em um fandom onde tropos são moeda de troca, e caracterizações e tramas são por definição compartilhadas entre milhares, os escritores reconheceriam como natural e inevitável que as ideias se espalhassem, ou que ficariam felizes com qualquer tipo de imitação ou retrabalho (JAMISON, 2017, p. 238).

Para tanto, foi o movimento de passagem do texto impresso para o eletrônico que passou a permitir que o leitor pudesse se tornar um co-autor da obra admirada. Chartier (1998, p. 104) comenta que o leitor da idade eletrônica pode não só construir os próprios textos, mas intervir, modificar e reescrever aquilo que não lhe pertence, tornando-o seu. Se a obra antes era lida pelos olhos do autor que a escreveu, e este possui direito natural sobre ela, a noção de copyright ajusta-se mal ao contexto atual, em que as distinções de autoria resvalam na indefinição de um limite apropriativo.

As fanfics disponibilizadas nos zines, eram consumidas em menor escala, já que o exemplar era repassado por diversos fãs e, mesmo assim, muitos não conseguiam acessá-los. Na internet, o movimento de compartilhamento de histórias é rápido e intenso, além da possibilidade de que o autor receba feedbacks sobre sua escrita, fomentando a dinâmica de troca. Há autores que preferem resguardar suas obras, utilizando ferramentas digitais para

proteger a história, ou impedindo que outros fãs façam adaptações desta. A concepção da fanfic como algo singular e imutável em meio a tantas narrativas existentes no fandom, é uma maneira do fã expor seu trabalho a uma audiência que já anseia por consumi-lo, e ao mesmo tempo colocar-se como um autor profissional, protegendo seu trabalho de modificações externas, e mesclando ambos os mundos: dentro e fora do fandom. Desse modo, o autor busca uma ascensão, mas necessita do apoio da comunidade para consegui-la.

Partindo disso, o fã autor de *Um Diferente Conto Da Nova Cinderela* comenta que, ao fazer uma releitura de um texto base é comum preservar algumas características na adaptação, para não perder a proposta original. Ele argumenta que achou coerente manter algumas falas e cenas expostas no filme e que não configura isso como plágio, pois plagiar uma obra, na sua visão, significa não creditar a ideia original, ou se passar por autor de uma criação que não é sua. Em sua fala, Alvarengah cita o “crédito”, uma forma de moeda de troca entre os fãs que fundamenta a comunidade, ou seja, ao creditar uma obra atribui-se um reconhecimento a sua autoria original e, dentro do fandom, isso marca as distinções entre o que é ou não é plágio, e dessa maneira, o crédito autoral é o “pagamento” por apropriar-se de determinado material na comunidade fã. Portanto, apesar de fazer uso de cenas e falas do filme, a fanfic de Alvarengah possui um caráter transformativo, ao modificar o enredo original além de basear-se nele, e também credita à franquia de filmes. Aos olhos do fandom, essas atitudes asseguram que a fanfic não plagiou o filme.

Por fim, vale a pena citar que o contexto da cena fanfic também não é sempre positivo. Muitos fãs escritores enxergam a fanfic como treinamento para a elaboração de obras profissionais, o que pode ser julgado como interesse por outros membros do fandom, que são movidos apenas pela admiração. Apesar da leitura e escrita de fanfic configurarem um processo criativo benéfico, que na maioria das vezes não visa o lucro, é necessário se atentar as posições de alguns cânones, que não permitem que seu material seja modificado pelos fãs. Tal atitude cria uma problematização sobre até que ponto os fãs devem ir e abre espaço para o seguinte questionamento: é correto modificar uma obra que não foi autorizada pelo autor? Essa questão ainda não possui respostas concretas, visto que a comunidade fã segue suas próprias regras e o empréstimo e reciclagem de materiais faz parte da cultura do fandom. No entanto, é certo que o respeito às leis dos direitos autorais deve permanecer acima de tudo, bem como a definição de créditos ao material de base.

2.2 A FANFIC COMO INSTRUMENTO DE LUTA E AS DIFERENTES FORMAS DE REPRESENTATIVIDADE.

Tendo em vista que a identidade cultural do fandom se alimenta da cultura de massa, os fãs muitas vezes sentem falta de personagens originais e menos idealizados sendo representados na mídia. Nesse cenário, MttAlvarengah cria personagens que rompem com estereótipos notavelmente propagados, em filmes como os da franquia *A Nova Cinderela*, desprendendo-se dos padrões característicos de Cinderela, ao ostentar um homem negro, gay e afeminado, como protagonista de sua história.

Verifica-se que a indústria cinematográfica tem procurado inserir personagens que dialoguem com a diversidade cultural presente na sociedade, ampliando as discussões sobre questões de identidade de gênero, orientação sexual, machismo e racismo, além de investir em atores que possam representar as minorias. Se analisarmos o cenário atual das adaptações de Cinderela, tomando como exemplo a produção cinematográfica *Cinderella* lançada pela Amazon Prime Video, em 2021, nota-se uma concepção mais feminista da história. Nessa adaptação, em que a protagonista é interpretada pela cantora cubana-americana Camila Cabello, o sonho de Cinderela é se tornar uma grande estilista, reconhecida por todo o reino. Ademais, a fada madrinha dessa adaptação é agênero, e o papel é estrelado pelo ator negro e gay Billy Porter, que luta assiduamente pela representatividade LGBTQIA+ em Hollywood.

No entanto, esse processo ainda é lento, o que resulta em uma grande parcela de fãs que não se sente representada pelos produtos consumidos, e recorre a escrita de fanfic como forma de preencher essas lacunas. Quando pensamos nas adaptações mais antigas de Cinderela, nos lembramos do semblante construído pela Walt Disney em suas animações fílmicas: a pele branca, cabelo loiro e olhos azuis caracterizam o visual marcante e amplamente conhecido pelo público. Apesar disso, o filme *Cinderella*, ou *Rodgers & Hammerstein's Cinderella*, estrelado por Brandy Norwood e Paolo Montalbán em 1997, já trabalhava sutilmente com as questões de representatividade, ao apresentar uma Cinderela negra e um príncipe filipino-americano. A produção conta também com nomes de peso como Whitney Houston, que interpreta a fada madrinha, e Whoopi Goldberg, a Rainha Constantina.

Coincidência ou não, a obra mais representativa da Disney acaba sendo esquecida em meio a tantas adaptações que reiteram o mesmo padrão de Cinderela. Na franquia *A Nova Cinderela*, a Cinderela interpretada por Lucy Hale simboliza um padrão de beleza comumente

exposto nos outros filmes da série, mulheres de pele branca e cabelos ondulados. Essas personagens buscam relacionamentos heterossexuais, mantendo a proposta original do conto, ao mesmo tempo em que modernizam a dinâmica do casamento como recompensa pelo martírio, inserindo o amor como um complemento das realizações almejadas pela protagonista. Como já foi discutido anteriormente, no conto, a única salvação de Cinderela é o casamento, pois devido à sociedade patriarcal da época em que foi escrito, o matrimônio era visto como uma dádiva, e para consegui-lo, a mulher deveria ser bem educada, doce e virtuosa.

Observa-se também que, nos contos, a figura de Cinderela foi construída a partir de um estereótipo feminino que veiculava a crença de que a felicidade estava entrelaçada a um bom casamento. No filme, isso é substituído pelos sonhos e objetivos profissionais de Kate, de forma que o relacionamento amoroso não é o componente principal da trama. O personagem de Alvarengah, entretanto, além de lidar com as dificuldades de ser um jovem negro, gay e órfão, enfrenta suas aspirações serem impedidas pela madrasta.

A sexualidade é tratada como algo flexível na fanfic, seja por meio da relação entre Caio e Joaquim, assim como pela figura de Pedro, padrinho do protagonista, que em alguns momentos da história aparece como uma *drag queen*. Além disso, é no momento do baile que Caio incorpora Cinderela, vestindo-se a caráter. Joaquim, par romântico do personagem não desconfia que a garota misteriosa seja Caio, apesar da aparência lhe ser familiar, como pode ser observado nos seguintes trechos retirados do capítulo dez.

Caio ficou desconcertado e depois se lembrou que ele só estava encantado com o vestido, com a maquiagem e a peruca de cabelo ondulado...Joaquim não fazia ideia de que a Cinderela era Caio [...].

Joaquim estava tão desconcertado quanto. Ele se sentia encantado por aquela garota, mas mal a conhecia. Na verdade, suas feições pareciam familiares. Ele precisava saber quem ela era [...].

Joaquim abaixou os olhos. A menina podia estar usando máscara e mesmo assim, ainda era linda. Ele não sabia ao certo dizer o que despertava esse interesse nela. Talvez devia ser o brilho que ela emanava, naturalmente. Uma autoconfiança ou o seu carisma. Devia ser o seu mistério...Ele não sabia dizer, mas sabia que a queria. Sabia que a conhecia e ele desejava saber mais. Ele queria mais dela [...] (ALVARENGAH, 2020).

Nesses trechos, nota-se a admiração de Joaquim pela garota misteriosa, sendo importante destacar que a transformação de Caio em Cinderela é pautada por uma liberdade

que permite ao personagem transitar entre a figura masculina e feminina. Em um outro momento, Caio fala sobre a liberdade de ser o que quiser e se sentir bem com isso, o que reitera a autonomia do protagonista, ao ocupar o papel de Cinderela. Ao substituir a figura feminina de Cinderela por um homem, Alvarengah retrata Caio, no âmbito familiar, como um irmão mais velho que, por vezes, cumpre um papel paternal, na ausência da madrasta em demonstrar afeto e preocupação por Dudu, o filho mais novo. Também é Caio quem executa as tarefas domiciliares, como cozinhar, lavar a louça e limpar a casa, além de trabalhar na cafeteria da família. Apesar da distinção de gênero do protagonista, a característica principal do conto, a rivalidade fraterna citada por Bettelheim anteriormente, permanece no filme e na fanfic.

Um outro ponto a ser abordado é o relacionamento entre indivíduos de classes sociais diferentes. Nos três eixos observados, o par romântico possui um grau econômico mais elevado do que os protagonistas. No conto, o príncipe é detentor de fortuna e prestígio por ser filho do rei, ao passo que no filme e na fanfic, Joaquim e Luke são filhos de grandes empresários do ramo da música e desfrutam do mesmo status social que o príncipe.

É notório que, nos últimos anos, têm surgido fanfics com caráter representativo, visando uma identificação maior dos leitores do que certamente haveria no material original. A fanfic marca aqui sua principal característica, a de ressignificar a apropriação por meio das experiências pessoais daquele que a constrói, assim, o fã não só é detentor do processo de criação como também manipula os efeitos que deseja atingir com seu trabalho.

A partir disso, surgem gêneros como o Slash, comum quando os fãs possuem um certo apreço por personagens do mesmo sexo a ponto de idealizá-los como um casal, entretanto, o romance entre eles seria improvável no universo original, seja por questões profissionais, dificuldade de aceitação de um relacionamento homossexual, ou repressão dos sentimentos amorosos. Dessa maneira, esse tipo de trama tem o objetivo de unir esses casais, ao mesmo tempo em que rompe com a masculinidade tradicional, apresentando a sexualidade como algo sem inibições.

Em contraposição ao Slash há o gênero Bara, criado por e para homens gays. É um gênero de quadrinhos e mídias que surgiu no Japão, na década de 1960, como uma maneira de retratar relações homoeróticas sob um viés masculino, o que não ocorre no Slash, que é escrito por mulheres. Salienta-se o fato de que, na maioria das vezes, o Slash configura uma forma de projetar desejos e fantasias sexuais femininas através do corpo dos personagens masculinos

(JENKINS, 2015, p. 197), confrontando os modelos tradicionais de relacionamentos heterossexuais propagados pela mídia. O que diferencia o Bara e o Slash é fato que o Bara geralmente apresenta um visual específico, ou seja, homens musculosos com pelos corporais, podendo também abordar o erotismo e a sexualidade. Enquanto o Slash é destinado para o público feminino, por meio do Bara, o homem gay consegue ocupar seu local de fala, criando materiais que poderão gerar identificação com o público gay masculino.

Contrariando uma das premissas básicas do Slash, ser escrito pelo público feminino, o autor da fanfic *Um Diferente Conto Da Nova Cinderela* utiliza o gênero para retratar um casal gay sob o ponto de vista masculino. Logo, o Slash não é mais alvo de uma projeção de desejos femininos, mas sim um objeto representativo, utilizado por alguém que possui local de fala para dialogar sobre o assunto. Segundo Sírio Possenti (2020), o lugar ou local de fala, refere-se à história do enunciador e a mensagem que este pretende passar para o destinatário. Trata-se da reivindicação de uma autoridade, ou seja, uma posição enunciativa, para discutir determinado assunto.

A ocupação desta posição exige mais do que o conhecimento sobre o que virá a ser tratado, é preciso que o sujeito seja também a pessoa, que tenha uma história acerca do tema, sendo necessário apegar-se a aspectos que são exteriores ao discurso, ou seja, uma vivência pessoal. Desse modo, pessoas negras ou pretas enunciam sobre o racismo, e mulheres sobre feminicídio ou machismo, por exemplo. Contudo, tal concepção reitera uma problemática, pois é importante que essas discussões abranjam todas as esferas sociais, não restringindo-se apenas aos que ocupam o lugar de fala. Partindo dessa afirmação, entende-se que Alvarengah, ao possuir uma história como um homem gay, procura transmiti-la aos seus leitores, que poderão se identificar pessoalmente com a narrativa, criando-se assim uma representatividade.

Indo de encontro à concepção de Possenti, Fernandes (2008, p. 16) cita que “o sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir de sua inscrição ideológica; de sua voz, emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas linguísticas enunciadas”. A partir disso, observa-se que o discurso do fã é, antes de tudo, ideológico, pois utiliza de sua posição enunciativa, esta que é ideológica e capaz de integrar enunciação e lugar sócio-histórico, para veicular um conjunto de ideias sobre si mesmo, discursando para o outro. Dessa forma, linguagem e ideologia estão intrinsecamente ligadas, e é através dessa relação que o fã autor manifesta sua vivência, ao transformá-la em objeto de identificação do leitor.

CONCLUSÃO

É certo que todos os textos aqui discutidos passaram por um processo de atualização. Desse modo, os relatos orais transformaram-se nos contos de fadas, que se popularizaram no eixo infantil, originando diversas versões cinematográficas. A história comovente de Cinderela fez parte da infância de muitos fãs, que procuraram recuperar o fascínio do conto em produções mais modernas e realistas, como a franquia de filmes *A Nova Cinderela*. A fanfic surge então como uma forma de interiorizar e ressignificar esse conteúdo, a partir de uma posição ativa do fã autor, que atua como um consumidor crítico e seletivo da cultura de massa.

Assim sendo, Alvarengah constrói uma obra representativa, mas que também pode ser alcançada por outros públicos, entre eles, os admiradores da franquia de filmes e do conto de Cinderela. O autor não apenas consome, mas seleciona aquilo que lhe agrada e o que precisa ser modificado no material base, de acordo com sua própria experiência de vida. No processo de construção da fanfic, ele reformula o enredo original do filme, inserindo personagens representativos que dialoguem com a diversidade racial e sexual presente em nossa sociedade, colocando em pauta a falta de representatividade das minorias em produções da indústria midiática.

A contemporaneidade possibilita que os leitores naveguem por diversas plataformas e acessem as fanfics que mais se assemelham à sua vivência, unindo o simbólico ao ficcional. Conclui-se, portanto, que quando o fã escritor ocupa uma posição enunciativa, exercendo seu local de fala, ele presentifica o papel de fã, tornando-o ativo e não mais um mero consumidor passivo do produto, mas também estimula outros admiradores a compartilharem suas próprias experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A NOVA Cinderela: Era Uma Vez Uma Canção. Direção: Damon Santostefano. Roteiro: Jessica Scott e Erik Patterson. Warner Premiere, 2011.

ALVARENGAH, Mtt. Entrevista concedida à Ana Luísa Amaral para Monografia do Curso de Letras. [Matão], 19 set. 2021.

_____. **Um Diferente Conto Da Nova Cinderela**. Wattpad, 2020. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/208426437-um-diferente-conto-da-nova-cinderela> . Acesso em: 29 dez. 2021.

ALVES, Marco Antônio Sousa; PONTES, Leonardo Machado. **O direito de autor como um direito de propriedade**: um estudo histórico da origem do Copyright e do Droit d' Auteur. *In*: XVIII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, 2009, São Paulo. Disponível em: http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/sao_paulo/2535.pdf . Acesso em: 30 set. 2021.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Paz e terra, 2012. Disponível em: http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/disciplinas/contacao_de_historia/abrir/A%20PSICANALISE%20DOS%20CONTOS%20DE%20FADAS.pdf . Acesso em: 02 jan. 2022.

CARELLI, Fabiana; BUENO, Fátima; CUNHA, Maria Zilda da (orgs.). **Texto e tela**: ensaios sobre literatura e cinema. São Paulo: FFLCH/USP, 2014. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/185/169/800> . Acesso em: 02 jan. 2022.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa durante os séculos XVI e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Camila Fontanetti. **Análise comparativa de duas versões do conto de Cinderela**: a de Charles Perrault e a dos Irmãos Grimm. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/118674> . Acesso em: 20 ago. 2021.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008. Disponível em: http://www.foucault.ileel.ufu.br/sites/foucault.ileel.ufu.br/files/livro_ad_reflexoes_introdutorias_-_cleudemar.pdf . Acesso em: 17 nov. 2021.

GARCIA, Patrícia Fernandes Pereira. **Charles Perrault e os irmãos Grimm**: a presença do mal nos contos de fadas. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Pós-Graduação em Leitura e produção de textos) -Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/5746/5/Patr%e3%adcia%20Fernandes%20Pereira%20Garcia.pdf> . Acesso em 29 dez. 2021.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

_____. **Uma teoria da paródia**: ensinamento das formas de arte no século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Portugal: Edições 70, 1985.

JAMISON, Anne. **FIC**: Porque a fanfiction está dominando o mundo. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

JENKINS, Henry. **Invasores do texto**: fãs e cultura participativa. Marsupial, 2015.

_____. FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2008.

KLUCINSKAS, Jean; MOSER, Walter. A estética à prova da reciclagem cultural. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 17-42, 30 jan. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/14019> . Acesso em: 02 nov. 2021.

LIMA, Emerson Lucas Morais. Os zines e as bibliotecas: uma relação necessária. **REBECIN**, v.6, n.1, p. 40-53, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/125727> . Acesso em: 26 dez. 2021.

LINGUAGEM, sujeito e discurso [por] Sírio Possenti. [S. l.: s. n], 2020. 1 vídeo (1:44 hora). Publicado pelo canal de EVEL PPGEL UFU. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hcefHqPWEjE&t=5299s> . Acesso em: 12 nov. 2021.

SOUSA, Sérgio Paulo Guimarães de. **Relações intersemióticas entre o cinema e a literatura**: a adaptação cinematográfica e a recepção literária do cinema. Braga: Universidade do Minho, 2001.

TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno Fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: UPF, 2015. Disponível em: <http://www.editora.upf.br/index.php/e-books-topo/65-jornada-nacional-de-literatura/132-o-fenomeno-fanfiction> . Acesso em: 02 set. 2021.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARA (gênero). Disponível em: https://stringfixer.com/pt/Bara_manga. Acesso em: 05 abr. 2022.

CANON, fanon, shipping and more: a glossary of the tricky terminology that makes up fan culture. Disponível em: <https://www.vox.com/2016/6/7/11858680/fandom-glossary-fanfiction-explained> . Acesso em: 26 dez. 2021.

CINDERELA de Camila Cabello é versão moderna e feminista da princesa da Disney. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/filmes-na-tv/cinderela-de-camila-cabello-e-versao-moderna-e-feminista-da-princesa-da-disney-64677?cpid=txt> . Acesso em 28 dez. 2021.

GRIMM Jacob; Wilhelm. **Contos de Grimm**. Moderna, 2013. Disponível em: <https://bibliotecadigital.flavioresende.pt/index.php?page=13&id=200&db=> . Acesso em 27 dez. 2021.

PERRAULT, Charles. **Cendrillon ou La petite pentoufle de verre**. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6220873w/f52.item>. Acesso em: 26 dez. 2021.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

THOMAS, Bronwen. **Canons and Fanons: Literary Fanfiction Online**. Disponível em: <http://www.dichtung-digital.org/2007/Thomas/thomas.htm> . Acesso em: 26 dez. 2021.

ANEXO – Entrevista com MttAlvarengah.

1. Como surgiu a ideia para escrever a fanfic? Você pensou em um público específico de leitores? Teve alguma dificuldade no percurso de escrita?

Meu sonho é publicar uma história inédita um dia. Eu queria que o público conhecesse um pouco da minha escrita antes disso. Pensei em começar com alguns textos para internet, mas nada surgia na cabeça, até que eu encontrei uma fanfic de “O Diabo Veste Prada” no Wattpad e pensei: “E se eu adaptasse história dos meus filmes de romance preferidos para algo dentro da minha realidade?”, então comecei a escrever algumas até criar esta fanfic da franquia de “A Nova Cinderela”. A ideia surgiu logo depois de eu ver o terceiro filme da franquia passando na televisão e eu achei que seria interessante se fosse um garoto gay no lugar da Cinderela, então só corri pro computador. Demorei apenas três semanas para escrever a história toda e eu curti o resultado. Meu objetivo era alcançar todos os públicos que gostassem de ler, mas principalmente os adolescentes. Penso que os jovens de hoje em dia são o nosso futuro e acho que se eles forem capazes de verem o mundo com a mente mais aberta, melhor será o convívio social daqui a alguns anos.

2. Por que escolheu a franquia de filmes “A nova Cinderela”? Como selecionou o que poderia ser utilizado para a história?

Quase não lancei esta fanfic primeiro por achar um tema batido, mas no final concluí que seria um bom início e de todas as que tinha rascunhado, essa foi a primeira que consegui terminar. Além disso, eu achava a história bem fofa e calma para o tipo de fanfic que eu costumava escrever na época e eu queria atrair o público com uma história tranquila e divertida de ler. Depois de ver o filme passando na televisão, minha mente explodiu de ideias e só aos poucos fui reparando nos detalhes semelhantes ao original, como a lanchonete do primeiro filme que virou a franquia de Cafés do pai de Caio ou o concurso do terceiro filme e o plano da madrasta e ainda o título que se assemelha um pouco com o do segundo filme, mas foquei mais no terceiro porque era o que eu mais gostava e o que me instigou a escrever. Porém isso tudo foi de forma natural, não parei para pensar no que estava incluindo ou deixando de fora e teve muita parte que foi original nela.

3. De que modo você adaptou o contexto do filme para a sua realidade?

Uma vez, a minha professora de Escrita Criativa disse: Se há uma história que deseja ler e ela não existe, escreva você mesmo. Queria ler uma história com um menino gay, negro e afeminado, assim como eu. Gosto de romances e nunca havia lido ou visto uma história parecida com alguém parecido comigo. No começo, eu até estava certo de mudar apenas o gênero da personagem de “A Nova Cinderela”, mas depois tive a ideia de mudar muito mais do que o gênero e acabei transformando não só a personagem como todos os outros que conviviam com ela.

4. Como você define o gênero fanfic? Por que optou por esse gênero e pela plataforma do Wattpad?

Wattpad se tornou um dos maiores canais de fanfics do mundo. Eu já havia lido muitas por lá e até histórias inéditas, então quando veio a ideia de mostrar um pouco da minha escrita para o público, sabia que seria o lugar perfeito para publicar e deu certo. Apesar de não ter milhões de leitores, tenho muitos que curtiram minha história e entraram em contato comigo algumas vezes para me elogiar. Defino as fanfics como uma homenagem a uma história ou um artista que você gosta ou ama. Eu optei pelo gênero porque queria mudar a realidade de histórias que conhecemos e amamos. Amo Comédias Românticas, mas é muito raro encontrar esse gênero de filmes ou livros com personagens principais que sejam LGBTQIA+ e já que quero lançar histórias inéditas que tem como base o estilo as Comédias Românticas que assisti a minha vida toda, seria legal mudar um pouco a realidade de algumas delas para mostrar que é possível encontrar personagens assim em papéis principais.

5. Como surgiu a ideia de apresentar um tipo de Cinderela que rompe com padrões de gênero/cor e de que forma você trabalha as questões de representatividade dentro do seu texto?

Nas minhas histórias inéditas, ainda não publicadas, há muita diversidade, assim como há diversidade no meu cotidiano. Penso que a arte carece muito disso. Crescemos vendo uma sociedade que padroniza demais as pessoas e nos sacrificamos muito para nos encaixar nesses padrões a ponto de sofrermos bastante. Muitos garotos negros, gays e afeminados, por exemplo, encontram dificuldades de acharem afeto na sociedade, ainda mais que o meio gay é bem seletivo. Nos estereotipam a ponto de nos colocar em lugar de fetiche, mas não no de alguém capaz de viver uma linda história de amor. É bem comum eu ver filmes, séries, ou ler livros e esses garotos gays serem sempre brancos e magros. Ou até outras pessoas da comunidade

LGBTQIA+ e de diferentes formas, etnias, crenças, etc. É muito raro não ver alguém que não seja estereotipado e nem colocado num lugar de segundo plano. Um dos autores que admiro, Vitor Martins, disse um dia que criou seu primeiro livro - 15 Dias - com um personagem gordo, porque não conhecia muitas histórias de garotos gays e gordos. Eu pensei que seria legal me ver representado numa história, então porque não a minha? Acho importante muitas que foram publicadas por aí, mesmo aquelas que batem na mesma tecla do lado sofrido e batalhador de ser LGBTQIA+, porém acho que podemos estar em filmes de ação e espionagem, filmes de terror, musicais e até em uma comédia romântica mamão com açúcar. Podemos ocupar esses espaços e nós só vamos ocupar quando começarmos a nos enxergar assim. Então eu me coloquei nessa história. Caio é um garoto gay, negro e afeminado como eu e eu nunca me senti tão orgulhoso de um personagem quanto me sinto a respeito dele.

6. Observa-se que na fanfic há bastante semelhanças com o filme, inclusive algumas falas parecidas. Como você enxerga essa apropriação? Você acredita que o gênero fanfic permite essa incorporação e modificação de um material original?

Sim, é exatamente sobre isso que uma fanfic se trata. Muitas das fanfics de fãs de artistas são histórias completamente inéditas, mas quando fazemos uma releitura de um texto original, é muito comum manter algumas (ou até muitas) coisas do texto original na adaptação. O mesmo é feito em reboots ou remakes de séries e filmes e isso é para não perder a proposta original. No caso dessa fanfic, como eu só queria mudar um pouquinho a realidade dela, achei que fazia sentido manter algumas falas e situações, mas se reparar bem foram poucas porque eu tive que fugir muito da história original para trazer mais sentido ao texto e a minha ideia de Cinderela.

7. Sua história possui todos os direitos reservados, impedindo que outros usuários realizem cópias. O que é plágio para você? Você teve algum cuidado especial para não plagiar o material original?

Para mim, plágio é você pegar uma criação que não é sua e dizer que é ou não dar créditos a ideia original da qual você se baseou para lançar sua adaptação. Eu acho que as fanfics são, muitas das vezes, homenagens às histórias originais ou apenas o fã querendo se enxergar nelas. Nesse caso, foi mais eu desafiando o texto original da história para trazer uma reflexão social. Tive um certo cuidado para que as pessoas entendessem que eu não tive a intenção de me apropriar do enredo dos filmes, apenas fazer uma adaptação e um desses cuidados foi a nota que deixei no final da história explicando tudo em detalhes. Apenas reservei os direitos porque

muitos (digo muitos mesmo) detalhes da história são originais e eu não gostaria de ver algum deles em outros sem que me dessem créditos por isso. Acho que podem (e devem) fazer suas próprias adaptações de “A Nova Cinderela” desde que respeitem as outras adaptações já lançadas.

8. Qual a maior diferença entre a sua obra e o filme que a inspirou?

Bom, o propósito é o mesmo: É sobre encontrar a sua voz e não ter mesmo de usa-la. Se tem algo que diferencia as duas obras é o fato de termos esse personagem que é um garoto gay e negro como o personagem principal. Provavelmente alguém já pensou em trazer um personagem assim em uma história parecida, mas eu ainda não havia encontrado, então por que não escrevê-la? Acho que se lançassem mais um filme da franquia seria interessante ver um personagem parecido sendo “A Nova Cinderela”.

9. Você aceitaria que sua história fosse adaptada por outras pessoas?

Não me importaria. Só que a minha história já é uma adaptação, não sei como muitas pessoas a veem. Mas se alguém se inspirar nela para fazer uma adaptação ou até algo inédito, com certeza eu iria querer ler por grande curiosidade.

10. Se a fanfic for publicada como um livro impresso por alguma editora, você iria retirá-la da internet?

Não pretendo publicar de forma física estas fanfics e mesmo quando chegar a hora de lançar minhas inéditas eu ainda mantereí minhas fanfics na internet. Elas são apenas fanfics e apenas algo para descontraír os leitores. Além disso, já há muitas limitações para as pessoas terem acesso à leitura e mesmo que não seja um romance épico, ainda é uma história que pode alcançar alguém que esteja apenas querendo ler algo.